Uma Revisão Narrativa Sobre Saúde Mental Perinatal em Populações Vulneráveis: Estigma e Justiça Reprodutiva

Autor(res)

Mariane Lopez Molina
Marina Weymar Pfingstag

Categoria do Trabalho

Iniciação Científica

Instituição

UFPEL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Introdução

O sofrimento psíquico perinatal em mulheres em situação de vulnerabilidade social é frequentemente medicalizado e reduzido a transtornos individuais, mascarando suas causas estruturais (AGUIAR, SILVEIRA, DOURADO, 2011). Essa visão simplificada ignora como opressões interseccionais – articulando gênero, raça e classe – produzem e intensificam o sofrimento mental no período gravídico-puerperal (SANTANA et al., 2024).
A fundamentação teórica deste estudo ancora-se no conceito de Interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), que analisa como identidades sociais sobrepostas geram formas únicas de marginalização, e na Teoria da Rotulação, que demonstra como o estigma de "mãe inadequada" recai sobre a mulher pobre, negra e periférica, violando seus direitos reprodutivos. Para superar essa leitura fragmentada, propõe-se uma análise multicausal, organizada em cinco camadas interligadas – biológica, psicológica, relacional, institucional e estrutural – visando demonstrar que o sofrimento psíquico perinatal nesta população é um sintoma de injustiças sociais profundas, e não uma patologia individual. (AGUIAR et al., 2011; SANTANA et al., 2024).

Objetivo

Objetiva-se analisar os fatores multicausais e interseccionais do sofrimento psíquico perinatal em mulheres vulneráveis, visando: (1)categorizar suas causas em cinco dimensões conectadas; (2)examinar o papel do estigma, racismo institucional, violência obstétrica e violação da Justiça Reprodutiva; e (3)propor abordagens psicológicas não-patologizantes, anticoloniais e baseadas em direitos humanos.

Material e Métodos

Este estudo é uma Revisão Narrativa de Literatura que seguiu as etapas do modelo PRISMA. A busca foi realizada nas bases SciELO e Periódicos CAPES, utilizando os descritores: "Maternidade" AND ("depressão pós-parto" OR "sofrimento psíquico" OR "transtorno mental" OR "vulnerabilidade" OR "pobreza" OR “desigualdade” OR violência obstétrica). Foram incluídos artigos nacionais em português publicados entre 2008 e 2025.
A busca inicial resultou em 447 artigos, número que não reflete a quantidade de artigos únicos devido à sobreposição de resultados entre os diferentes descritores e bases. Os critérios de exclusão foram: (i) estudos com populações específicas fora do escopo central; e (ii) estudos com abordagem exclusivamente biomédica ou descontextualizada dos determinantes sociais.

Após a triagem, 12 artigos foram selecionados e analisados com base em cinco eixos – biológico, psicológico, relacional, institucional e estrutural – à luz da Interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) e da Teoria do Rotulação. Essa abordagem permitiu uma compreensão sistêmica do sofrimento psíquico perinatal, evidenciando sua determinação por violências institucionais e opressões estruturais (BENATTI et al., 2020; DIUANA et al., 2017).

Resultados e Discussão

1. Fatores Biológicos Negligenciados e Agravados pelo Contexto

As principais demandas biológicas agravadas pela vulnerabilidade incluem exaustão física, privação de sono, recuperação pós-parto sem suporte, sobrecarga de trabalho doméstico e infantil e pressão financeira (BENATTI et al., 2020; SILVA et al., 2023).

A base fisiológica do sofrimento perinatal é intensificada pela precariedade material. A exaustão e a privação de sono impactam a regulação emocional, gerando angústia e solidão (BENATTI et al., 2020), enquanto a falta de apoio leva à exaustão e perda de controle (SILVA et al., 2023). Evidencia-se que as demandas biológicas tornam-se críticas quando intersectadas com opressões sociais, revelando a inseparabilidade entre corpo e contexto.

2. Fatores Psicológicos: Rompendo com o Mito da Maternidade Ideal

Identificou-se que os principais fatores psicológicos incluem: reativação de traumas e conflitos inconscientes pela maternidade; choque entre idealização social e realidade; e violência obstétrica como evento traumático (AGUIAR et al., 2011; MATOS et al., 2021).

A maternidade reativa históricos de desamparo, gerando culpa e inadequação pelo contraste com o ideal social. A violência obstétrica aprofunda este quadro, atuando como intrusão traumática que compromete a saúde mental e o vínculo mãe-bebê, evidenciando que o sofrimento psicológico é indissociável das violências vivenciadas.

3. Fatores Relacionais: A Solidão e a Violência como Regra

Fatores relacionais críticos são a falta de redes de apoio (sobrecarga materna e participação paterna frágil), a violência por parceiro íntimo e a invisibilidade da maternidade lésbica (BENATTI et al., 2020; SILVA et al., 2023; OKADA et al., 2015; SOUZA, LIMA, 2021).

A solidão e a violência estruturam a experiência perinatal vulnerável. A falta de apoio gera sobrecarga absoluta, a violência conjugal atua como trauma e a não-aceitação social da maternidade lésbica aprofunda o isolamento. Estes elementos configuram um contexto de desamparo que determina diretamente o adoecimento psíquico.

4. Fatores Institucionais: A Violência Sistêmica e a Iatrogenia

Há violações institucionais como o racismo obstétrico, violência obstétrica, judicialização da pobreza e incompatibilidade do sistema prisional com a maternidade (SANTANA et al., 2024; MATOS et al., 2021; MARQUES et al., 2018; DIUANA et al., 2017).

As instituições convertem-se em fontes de iatrogenia através de práticas violentas. O racismo obstétrico e a violência obstétrica negam direitos reprodutivos, enquanto a judicialização da pobreza e o sistema prisional aprofundam traumas através de separações compulsórias e negação da subjetividade, agravando sistemicamente

o sofrimento perinatal.

5. Fatores Estruturais: A Raiz das Opressões Interseccionais

Identificam-se como fatores estruturais a interseccionalidade de opressões (gênero, raça, classe), a maternidade solo estigmatizada, a pobreza como violação de direitos e os processos de rotulação social (CRENSHAW, 2002; BENATTI et al., 2020; MARQUES et al., 2018).
A análise revela que o sofrimento perinatal é determinado por opressões interseccionais que negam justiça reprodutiva. A maternidade de mulheres negras e pobres vivência estigma e negligência, enquanto a pobreza motiva intervenções punitivas estatais. O rótulo de "mãe inadequada" legitima discriminações institucionais, transformando a maternidade em experiência de opressão.

Conclusão

O sofrimento psíquico perinatal em populações vulneráveis é determinado estruturalmente por opressões como racismo e pobreza, que se manifestam em violências institucionais. A análise interseccional demonstra a insuficiência de modelos que individualizam esse sofrimento. Conclui-se ser essencial uma prática psicológica antirracista e não-patologizante, articulada com a luta pela Justiça Reprodutiva.

Referências

AGUIAR, Denise Tomaz; SILVEIRA, Lia Carneiro; DOURADO, Sandra Mara Nunes. A mãe em sofrimento psíquico: objeto da ciência ou sujeito da clínica? Rev. Esc. Anna Nery, v. 15, n. 3, p. 622-628, jul./set. 2011.
BENATTI, Ana Paula et al. A maternidade em contextos de vulnerabilidade social: papéis e significados atribuídos por pais e mães. Interação em Psicologia, Curitiba, v. 24, n. 2, p. 130-141, 2020.
CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
DIUANA, V.; CORRÊA, M. C. D. V.; VENTURA, M. Mulheres nas prisões brasileiras: tensões entre a ordem disciplinar punitiva e as prescrições da maternidade. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 727-747, 2017.
MARQUES, Andrea Grano; SILVA, Marília da Mata; SILVA, Tânia Maria Gomes da. Vivendo a maternidade em situação de pobreza e violência social. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 10, n. 19, p. 49-64, jan./abr. 2018.
MATOS, Mariana Gouvêa; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Violência obstétrica e trauma no parto: o relato das mães. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 41, p. 1-13, 2021.
OKADA, Márcia Massumi et al. Violência doméstica na gravidez. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 270-274, 2015.
SANTANA, Ariane Teixeira et al. Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, p. 1-8, 2024.
SILVA, Maiquélen et al. Os desamparos da maternidade em um contexto de vulnerabilidade social. Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-9, jan./dez. 2023.
SOUZA, Maria Clara Guimarães; LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de. Identidades e discursos: a construção discursiva da lesbianidade. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 285-303, ago. 2021.